

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE FILOSOFIA**

KELVIN WESCHENFELDER

**A CRIANÇA E O RECONHECER:
AXEL HONNETH, AMOR E O PRIMADO DO RECONHECIMENTO**

**São Leopoldo
2021**

KELVIN WESCHENFELDER

A CRIANÇA E O RECONHECER:

Axel Honneth, amor e o primado do reconhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Filosofia, pelo Curso de Filosofia da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Inácio Helfer

São Leopoldo

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço diretamente ao professor doutor Inácio Helfer que sempre me ajudou e proporcionou-me a possibilidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa como bolsista, momento no qual aprendi muito sobre desenvolvimento de pesquisa. Agradeço também a todos os membros do grupo de pesquisa Filosofia política, normatividade e dialética, pois os encontros e discussões ajudaram-me na construção desse trabalho. Agradeço ainda a todo o corpo docente da Unisinos que sempre me trouxeram novas perspectivas sobre a complexidade que é a vida e o mundo e a todos os colegas de graduação que me marcaram, levarei vocês por toda a vida. Agradeço também a toda a minha família que, sem o apoio, eu não seria capaz de desenvolver esse trabalho: agradeço à minha mãe, Edorilda Belmirio Dutra Weschenfelder, e ao meu pai Dilamar Paulo Weschenfelder, obrigado por todo o apoio e por acreditarem no meu sonho. Agradeço ainda a meu amor Daniela da Silva que sem as extensas conversas não teria chegado a compreensão que tenho dos assuntos aqui estudados. Por fim agradeço ao ProUni que me possibilitou cursar a graduação de meus sonhos em uma universidade de excelência como é a Unisinos.

RESUMO

O objeto do presente trabalho é compreender reconhecimento e infância a luz da filosofia de Axel Honneth, mais especificamente nos textos *Luta por Reconhecimento* (1992) e *Reificação* (2006), além de compreender o Amor na teoria honnethiana, analisar o primado do reconhecimento para Honneth e compreender o desenvolvimento da autoconfiança na infância. Para atingir tais objetivos será feita uma análise comparativa entre textos além de uma bibliografia complementar em livros e artigos para que a discussão se torne presente em nossa realidade. Os resultados da pesquisa apontam para uma continuidade entre textos sendo possível compreender i) uma mudança de postura de Honneth de quem seria o parceiro de relação da criança, ii) a necessidade de quebra da visão egocêntrica da criança; iii) a importância da esfera do amor na teoria honnethiana; e iv) relação entre os vínculos primários da criança com as demais relações humanas do futuro adulto. A partir desses apontamentos é possível compreender a filosofia de Honneth como um contraponto a visão empirista da infância e repensar, na realidade brasileira, a responsabilidade e o tratamento para com as crianças em prol de um panorama que comporte o reconhecimento necessário.

Palavras-chave: RECONHECIMENTO. INFÂNCIA. REIFICAÇÃO.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 RECONHECIMENTO NA INFÂNCIA	8
2.1 RECONHECIMENTO E REIFICAÇÃO: Honneth e a teoria crítica	8
2.1.1 TEORIA CRÍTICA E A ESCOLA DE FRANKFURT	8
2.1.2 INDÍCIOS DE UMA FILOSOFIA PERDIDA: A Luta Por Reconhecimento	10
2.1.3 OS PADRÕES DO RECONHECER E SUA NEGAÇÃO	12
2.2 O AMOR COMO PRIMEIRO PADRÃO DE RECONHECIMENTO SUBJETIVO	14
2.2.1 INFÂNCIA E RECONHECIMENTO	14
2.2.2 HONNETH, WINNICOTT E A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ	16
2.2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLAÇÃO	18
2.3 O PRIMADO DO RECONHECIMENTO FRENTE A POSTURA REIFICADA	19
2.3.1 AS ORIGENS DA REIFICAÇÃO	20
2.3.2 PRIMEIRO RECONHECEMOS	21
2.3.3 A REIFICAÇÃO HONNETHIANA	23
3 ANÁLISE COMPARATIVA	25
3.1 IMPLICAÇÕES DO RECONHECIMENTO NA INFÂNCIA	27
3.1.1 CONTRAPONTO PARA A FILOSOFIA EMPIRISTA.....	27
3.1.2 REPENSANDO A RESPONSABILIDADE PARA COM AS CRIANÇAS.....	28
4 CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Como uma criança vivencia sua experiência de reconhecer-se como um indivíduo e de reconhecer o outro? A pergunta aqui explanada já esteve no centro das atenções de diversos pensadores de diversas áreas. Hegel já deixou indícios de que a experiência familiar era a primeira experiência da moralidade objetiva. Entretanto, muito tempo se passou e muito se mudou nas estruturas familiares tornando muito dos pressupostos de Hegel na formação da família demasiado equivocados. Para Honneth, pensador da teoria crítica, apoiado em outras pesquisas, a relação que a criança tem com sua mãe, está na base de explicações muito mais complexas da realidade: a nossa abertura natural às relações de reconhecimento mútuo.

Duas perguntas que trazem luz para as investigações da teoria crítica podem ser formuladas assim: Como podemos compreender as diversas situações históricas de libertação sobre a perspectiva de uma norma? E quais são as causas de seus entraves? Por tempos Marx foi tida como a verdadeira filosofia da libertação, com as demais repressões históricas – como a situação das mulheres e das demais minorias – sendo postas, pelos marxistas, como pautas secundárias frente a repressão burguesa, quando não a ignoravam.¹ Entretanto o século XX e XXI se mostrou um momento em que pautas de minorias ganharam força e desempenharam um papel de luta para uma afirmação de identidade pessoal e coletiva. A ideia central de Honneth é utilizar os pressupostos de sua gênese teórica conciliando-a com a nova realidade que se apresenta.

A origem do termo reconhecimento em Honneth se sustenta no pensamento não metafísico de Hegel, encontrado nos escritos do jovem Hegel no período de Jena, ideia que nas palavras de Honneth, Hegel abandonou. A visão de Honneth, segundo Pertille (2017), utiliza a ideia geral do pensamento de Hegel deixando de lado os pressupostos metafísicos fazendo aquilo que o próprio pensador frankfurtiano chama de *atualização sistemática*. Para tanto Honneth utiliza, em *Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* de 1992, pensadores da psicologia social como George Herbert Mead, pensadores da psicanálise como

¹ Honneth faz esta crítica a Lukács quando alega que o pensador marxista estava tão unilateralmente inclinado à observar as reificações promovidas pelo capitalismo que não pôde observar outras fontes de reificação presentes em sua época. HONNETH, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. Editora Unesp, 2020. P. 120.

Donald Woods Winnicott e Jessica Benjamin para atingir os padrões de reconhecimento intersubjetivos capazes de demonstrar como o processo de formação da identidade é correlativo a um conflito.

O pensador alemão busca demonstrar em suas análises como, desde criança até nossa existência jurídica e social, buscamos e vivemos o processo de reconhecerno-nos – Honneth separa esse processo em três esferas, amor, direito e solidariedade. Há uma tendência humana pelo reconhecimento, entretanto não é uma tendência pacífica, mas sim um processo conflituoso.

Inversamente ao reconhecimento, temos a postura de reificação. O termo é empreendido primeiramente por Gyorgy Lukács em *História e Consciência de Classe*, originalmente de 1923. Honneth se apropria do termo de Lukács e desenvolve uma nova compreensão mais adequada ao momento atual e a sua teoria do reconhecimento em seu livro *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento* de 2006. Em Lukács a reificação diz respeito ao fenômeno relacional entre pessoas se tornar uma relação entre “coisas” no capitalismo. O filósofo atribui esse acontecimento à totalidade e dominação do sistema capitalista em nossa realidade. Na visão de Honneth, é mais adequado ver a Reificação como o esquecimento do reconhecer, processo no qual o indivíduo deixa de lado toda sua inclinação natural ao reconhecimento e passa a tomar atitudes reificadas, consigo, e/ou com as coisas e e/ou com os outros.

Dessa forma o presente trabalho tem como objetivo analisar como Honneth compreende o reconhecimento na vivência da criança e se é (ou não) possível estabelecer uma unidade no pensamento de Honneth sobre o assunto em dois textos com 14 anos de diferença – a relação interativa da criança com o seu adulto de referência, que em *Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos sociais* é apresentada na etapa do Amor e que no livro *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento*, é tratado no capítulo *O primado do reconhecimento*, tendo como base estes dois textos para análise, além de artigos e livros sobre o tema. Tendo ainda como objetivos específicos: Sintetizar a etapa do Amor na teoria do reconhecimento honnethiana; Analisar como Honneth justifica o primado do reconhecimento; Examinar como a dedicação emotiva está relacionada ao desenvolvimento da autoconfiança.

Honneth abrange hoje um espaço importante frente a teoria crítica, pois ocupou o espaço no qual outros grandes filósofos de sua corrente já ocuparam.

Nobre (2017) compreende que a teoria crítica se constituiu como uma vertente intelectual duradoura que, apesar de ter sido influenciado por Marx e pelo Marxismo, exerce hoje um espaço independente de pesquisa, isto configura a importância de visitar a obra desse pensador. Além do mais é de suma importância, para conseguir visualizar a teoria honnethiana do reconhecimento, definir esta etapa inicial do reconhecer individual (que é antes relacional), para compreender as demais facetas do reconhecimento na vida dos seres humanos.

Temos em mãos um autor que desenvolve uma teoria própria, que dialoga com diversos outros autores clássicos da filosofia como Hegel, Marx, Adorno, Horkheimer, entre outros... e que busca, através da filosofia, sociologia e psicanálise, dar as suas respostas para perguntas que cruzam o horizonte de sua corrente filosófica, construindo sua independência intelectual e teórica.

A estrutura do trabalho será posta da seguinte maneira: no primeiro capítulo conceberemos a corrente na qual Honneth se insere e apresentaremos de forma sintética dois termos importantes para sua filosofia: reconhecimento e reificação; No segundo capítulo analisaremos, dentro de A luta por Reconhecimento, as relações entre infância e reconhecimento chocando as informações ali tiradas com artigos e livros sobre o tema; no terceiro capítulo o centro das análises passa a ser o texto Reificação e como Honneth justifica a postura de reconhecimento sendo anterior a postura reificada; por fim será feita uma análise comparativa entre as obras para contemplar como Honneth encara o reconhecimento na vivência da criança e possíveis implicações dessa análise.

2 RECONHECIMENTO NA INFÂNCIA

2.1 RECONHECIMENTO E REIFICAÇÃO: Honneth e a teoria crítica

Para compreender o pensamento de Honneth, primeiro precisamos entender os esforços de seus parceiros de tradição, para depois compreendermos a proposta do pensador para a sua corrente. Para tanto, o primeiro capítulo desse trabalho será dividido em três partes. Primeiro conheceremos a tradição na qual Honneth se insere, no subcapítulo intitulado *Teoria crítica e a escola de Frankfurt*. Em um segundo momento, nos focaremos em como Honneth se inspira em caminhos da filosofia hegeliana no subcapítulo intitulado *indícios de uma filosofia perdida: a luta por reconhecimento*. Por fim trabalharemos de forma geral as esferas do reconhecimento (*Amor, Direito e Solidariedade*) e a reificação para Honneth, no terceiro subcapítulo intitulado *Os padrões do reconhecer e sua negação*.

2.1.1 TEORIA CRÍTICA E A ESCOLA DE FRANKFURT

Compreender o pensamento de Honneth está atrelado a entender a história da Escola de Frankfurt – consequentemente a história do nazismo na Alemanha – e a formação de uma nova corrente filosófica, a Teoria Crítica. Dessa forma, cabe ressaltar que, apesar da proximidade entre termos, Teoria crítica e Escola de Frankfurt, não significam a mesma coisa. Enquanto Escola de Frankfurt designa uma série de pensadores da teoria crítica em um espaço de tempo, teoria crítica pode ser vista como uma corrente filosófica que se estende até os dias de hoje.

Por princípio, temos a doação de Felix Weil para a formação de um instituto ligado a estudos alinhados com o Marxismo na cidade de Frankfurt na década de 20, o *Instituto de Pesquisa Social*. Com o afastamento de Carl Grünberg da liderança, Max Horkheimer se torna diretor do instituto em 1931. Segundo Mogendorff (2012) com Max Horkheimer a frente do instituto, os interesses do grupo foram se ampliando, permitindo outras discussões sobre a realidade¹. Nos próximos dois

¹ Segundo Fontes (2019) é apenas quando Horkheimer assume a liderança do instituto que os objetivos do mesmo se centram na ideia de uma filosofia social. FONTES, Paulo Vitorino. A Escola de Frankfurt e os fundamentos da teoria crítica alemã. *International Journal of Philosophy and Social Values*, v. 2, n. 2, p. 113-126, 2019. P.114.

anos, dois autores proeminentes se juntaram ao instituto: Herbert Marcuse e Theodor Adorno.

Segundo Mogendorff (2012) quando Hitler assume o cargo de chanceler, o instituto é fechado, e sua sede passa a ser em Genebra na Suíça. O instituto voltaria a Frankfurt apenas na década de 50 e segundo Nobre (2003) essas mudanças de local em decorrência da segunda guerra mundial, ajudou a formar a ideia de uma Escola de Frankfurt em referência ao Instituto de Pesquisa Social.

Segundo Nobre (2006) a teoria crítica é mais antiga que a Escola de Frankfurt, pois tem sua inauguração com a obra de Karl Marx (1818-1883), filósofo político do século XIX. Marx seria, além de principal representante da corrente marxista, pioneiro do modelo de crítica desta tradição. Entretanto, a corrente da teoria crítica só veio a se identificar de tal forma posteriormente com os pensadores do Instituto de Pesquisa Social. Segundo Nobre (2018) o termo Teoria crítica é anterior ao termo Escola de Frankfurt, sendo primeiro empregado por Horkheimer em 1937 com a publicação do artigo “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”.

Segundo Nobre (2018) os pensadores da teoria crítica foram se afastando aos poucos do diagnóstico de Marx sobre a realidade, entretanto, ressalta o pesquisador, isso não significa uma mudança de postura frente ao modelo que o pensador inaugurara. As pesquisas desenvolvidas pelos frankfurtianos giravam em torno da cultura das massas e críticas ao idealismo alemão. Em contraposição a isso, segundo Fontes (2019):

Os representantes da teoria crítica partilham com Hegel a convicção de que a autorrealização do indivíduo só é conseguida se for conjugada nos seus fins com a autorrealização de todos os demais membros da sociedade, mediante princípios e propósitos aceites por todos (FONTES, 2019. P.119).

Então, tanto os demais pensadores da teoria crítica, quanto Honneth desenvolveram suas reflexões à luz da ideia de uma emancipação humana. Honneth, segundo Nobre (2003), se insere na teoria crítica da mesma forma em que Habermas o fez: apresentando sua teoria em confronto com as demais teorias da

tradição e buscando na literatura destes mesmos autores caminhos ainda não trilhados.

Honneth ocupou um espaço que já fora ocupado por outros filósofos como Horkheimer e Habermas, a frente do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt. De toda forma compartilha com seus colegas o intuito de promover, segundo Nobre (2003), uma teoria social crítica. Inspirado no pensamento de Hegel e feito de sua forma baseado na formação da identidade pessoal mediante o processo de reconhecimento.

2.1.2 INDÍCIOS DE UMA FILOSOFIA PERDIDA: A Luta Por Reconhecimento

Um bom termo de início para uma filosofia com pretensões a compreender intersubjetividade humana não poderia ser outro que não o reconhecimento. Honneth capta bem como a falta de reconhecimento, vivenciado nos momentos de desrespeito, faz com que pessoas se organizem em prol de uma luta, de algo que falta. Dessa forma temos a receita para as transformações sociais, as lutas em comum. O motor, já dirá Honneth, é a própria moralidade. Segundo Spinelli (2016) com a teoria do reconhecimento, cai por terra a ideia de que seres humanos são seres plenos e autossuficientes.

Honneth encontra no jovem Hegel, do período de Jena², as bases do processo que viria a explicar sua teoria de luta por reconhecimento, todo o primeiro capítulo de *Luta por Reconhecimento* é feito revisitando esse período da filosofia do pensador alemão. Segundo Ravagnani (2008) Honneth vai dar uma atenção particular para os conceitos de intersubjetividade, reconhecimento e conflito contidos na filosofia de Hegel.

Hegel, para Honneth, estava marcado, no começo de sua produção filosófica, por algumas impressões que viriam a desenvolver sua posição teórica: um interesse pelo conceito de Luta, discutido anteriormente por Maquiavel e Hobbes; inspiração na forma como os gregos – Platão e Aristóteles – tratavam a política; estranhamento com a doutrina moral kantiana; e a necessidade de conter em sua teoria um espaço específico para o mercado.

² Segundo Ravagnani os textos do período de juventude de Hegel utilizados são: *Maneiras científicas de tratar o direito natural* de 1802, *Sistema da eticidade* de 1802/03 e *Realphilosophie* de 1805/06. RAVAGNANI, Herbert Barucci. Intersubjetividade e reconhecimento: Honneth leitor do jovem Hegel. Revista Simbio-Logias, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008. P. 03-04.

Já em *Sobre as maneiras científicas de tratar o direito natural* (2007) Hegel acentuava a sua insatisfação com as doutrinas do direito de Kant e Fichte e abre caminho para sua *ciência especulativa*. Segundo Honneth (2003), Hegel se afasta das principais explicações atomísticas do direito natural em busca de uma versão capaz de conter suas concepções.

Fato é que na progressão de seus escritos, Hegel, segundo Honneth, aprimora a sua ideia inicial. Em seus primeiros escritos Hegel vinha trabalhando em como ligar estes diversos indícios de um avanço que já eram contidos nas relações naturais entre humanos, em busca de uma realização universal. Ou seja, Honneth explica que nessa primeira fase do pensamento de Hegel, a *eticidade natural*, contida nas primeiras relações pessoais – sendo estas totalmente éticas –, viriam a ser teleologicamente as potências no qual os seres humanos deveriam guiar o direito. Segundo Ravagnani (2008) o que interessa nesse momento do pensamento hegeliano é o movimento de formação da comunidade ética, baseado em um modelo de luta social com pretensões de reconhecimento.

Hegel, segundo Honneth, nestes textos já havia deixado indícios de três etapas de reconhecimento – na família, na sociedade civil e no estado. Etapas essas que são idênticas as seções da moralidade objetiva em *Princípios da filosofia do direito* (2000) um dos últimos textos da vida de Hegel, entretanto com um enfoque diferente.

Entretanto, Hegel já em seus fragmentos de 1803-04, segundo Honneth (2003), abandona alguns pressupostos que estavam contidos em seus escritos até então, como:

[...] a ideia de uma intersubjetividade prévia da vida humana, ele agora não pode mais pensar o processo de individualização como um processo em que o indivíduo se desliga conflituosamente das relações comunicativas já existentes (Honneth, 2003. p.66).

No escrito *Realphilosophie*, Hegel, segundo Honneth, já desenvolve um sistema unitário onde já conta com um espaço para o *espírito*, uma realização capaz de sanar todas as imprecisões contidas na filosofia de Hegel até aqui. Nas

instancias do espírito, segundo Honneth (2003), Hegel pretende conter as diversas consciências no desenvolvimento da “arte, religião e ciência”.

Para Honneth, Hegel abandonou seu empreendimento inicial, de reconstruir a coletividade ética como sequencial de uma luta, para construir a sua filosofia do espírito. Entretanto, estes caminhos deixados de lado podem ser interessantes para a formação de uma filosofia da emancipação, tarefa na qual Honneth se atribui.

2.1.3 OS PADRÕES DO RECONHECER E SUA NEGAÇÃO

Com a pretensão de promover uma inflexão empírica nesses caminhos encontrados na filosofia hegeliana, Honneth buscará em outros autores indícios desse processo de reconhecimento, tarefa que toma todo o segundo capítulo de *Luta por Reconhecimento*. Isto, pois segundo Honneth, não é possível manter a filosofia hegeliana, com todos seus pressupostos idealistas frente a uma realidade pós-metafísica. Para tanto, Honneth encontra na psicologia social de George Herbert Mead a tradução da teoria hegeliana em uma inclinação materialista.

Para Honneth o reconhecimento acaba tendo uma importância sem igual na vida individual do ser humano. Segundo Spinelli (2016) o que Honneth pretende defender é que sem as formas de reconhecimento, é muito difícil o indivíduo nutrir de uma boa ideia sobre si mesmo, pois este – o reconhecimento – é um pressuposto para a formação da identidade. Por tanto, segundo Spinelli (2016), em referência a filosofia honnethiana: “A boa condução das relações nessas esferas permite que o sujeito articule uma boa relação consigo mesmo, formando uma identidade segura” (SPINELLI, 2016. P. 85).

Segundo Honneth (2003) com os resultados de sua pesquisa é possível compreender três padrões de reconhecimento que são correspondentes a três formas de desrespeito: para o modo de reconhecimento da dedicação emotiva – tratado na seção *amor* – temos a forma de desrespeito maus-tratos e violação; para o modo de respeito cognitivo – tratado na seção *direito* –, temos a privação de direitos e exclusão; e para a estima social – tratado na seção *solidariedade* –, temos o desrespeito proveniente da degradação e ofensa.

No *amor* – primeira esfera do reconhecimento –, temos as relações primárias dos seres humanos, sua boa realização é capaz de produzir a autoconfiança necessária para o indivíduo em sua vida, sendo essa esfera referente de natureza

carencial e afetiva. Sendo o amor a primeira esfera do reconhecimento, é demasiado importante a relação mãe-bebê ou adulto e bebê, que será o alvo das análises nos dois próximos capítulos: no segundo capítulo desse trabalho, (seção 2.2), intitulado *O amor como primeiro padrão de reconhecimento subjetivo*, a sessão *amor* será objeto de uma análise mais aprofundada – contida no segundo capítulo da *Luta por Reconhecimento* (2003); e No terceiro capítulo (seção 2.3), intitulado *O primado do reconhecimento frente a postura reificada* será objeto de análise mais aprofundada *O primado do reconhecimento* – terceiro capítulo de *Reificação* (2018).

No *direito*, temos as relações jurídicas, sua boa realização é capaz de produzir o autorrespeito individual, também necessária para a vida humana, sendo o seu modo de reconhecimento o respeito cognitivo. Ou seja, para Honneth, o autorrespeito é fruto de uma relação em que, o indivíduo já é anteriormente respeitado por todos os outros.

Na *solidariedade* – ou estima social –, temos a comunidade de valores individuais, sua boa realização é capaz de produzir a Autoestima. Ou seja, esta esfera diz respeito as relações pessoais nas quais há a importância de um indivíduo por suas atribuições, o “valor” individual de cada um. Um professor, por exemplo, goza de uma valoração social pelo seu trabalho, entretanto pode se sentir mal remunerado no mesmo, essa realidade pode levar ao professor a uma luta por uma melhor qualidade de vida, algo que só seria alcançado com o real reconhecimento dos demais indivíduos dessa situação.

Dirá Honneth (2003) sobre as relações de Estima social que:

“Estão sujeitas a uma luta permanente na os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida” (HONNETH, 2003. P. 207).

Em contraposição a postura de reconhecimento temos a postura reificada – termo amplamente discutido por Lukács, que ganha uma nova formulação na teoria honnethiana –, que representa uma negação ao processo primeiro de abertura ao reconhecimento. Na compreensão de Honneth, Reificação faz referência ao *esquecimento do Reconhecimento*. Estamos exercendo uma postura reificada

quando, nas palavras de Honneth (2018) “em nosso comportamento objetivador não damos atenção aos significados existenciais que elas [nossos parceiros de interação já conferiram a seu mundo circundante natural” (HONNETH, 2018. P.98).

2.2 O AMOR COMO PRIMEIRO PADRÃO DE RECONHECIMENTO SUBJETIVO

Nessa seção, como já fora explanado anteriormente, o objeto de estudo será o texto *Luta por reconhecimento* (que teve a sua primeira publicação na Alemanha, em 1992). Mais precisamente a segunda parte de seu texto (capítulos 4, 5 e 6), no qual Honneth se coloca a tarefa de promover uma inflexão empírica nos indícios perdidos de Hegel. Então, o primeiro subcapítulo, intitulada de *Infância e Reconhecimento* (2.2.1), será direcionada a compreender, de forma específica, a relação entre estes dois termos além de compreender a forma de reconhecimento intersubjetivo intitulado pelo pensador como *amor*; O segundo subcapítulo intitulado de *Honneth, Winnicott e a relação mãe-bebê* (2.2.2), terá no seu centro de análise o pensamento do médico e psicanalista Donald W Winnicott e sua relação com a *Luta por Reconhecimento*; e o terceiro subcapítulo, intitulado *as consequências da violação* (2.2.3), pretende analisar a violação como forma de desrespeito da esfera do *amor*.

2.2.1 INFÂNCIA E RECONHECIMENTO

Uma terminologia se torna central para nossa análise nesse momento: a infância ou aquilo que se entende por *criança*. Esse momento da vida dos seres humanos não é compreendido de forma unitária pelos órgãos internacionais³. Para compreender os desenrolar jurídico do trabalho aqui empreendido em caráter nacional, me atenho ao entendimento das leis vigentes do Brasil, nas quais – através do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) – são consideradas “crianças” todas as pessoas que tenham até 12 anos incompletos e adolescentes de 12 a 18 anos (BRASIL, 1990).

Apesar de que, de acordo com o art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), as crianças deterem todos os

³ Para saber mais sobre as diversas compreensões de “criança” e infância consultar: TIRONI, Sara. Criança, participação política e reconhecimento. *Revista Direito e Práxis*, v. 8, n. 3, p. 2146-2172, 2017. P. 2150.

direitos inerentes a pessoa humana, Tironi (2017) observa bem como a criança apenas é mencionada na teoria do reconhecimento honnethiana na esfera do *amor* e que há uma tradição filosófica, a saber a corrente empirista, que colocou historicamente a criança como seres inúteis para a participação política, algo que justifica a sua exclusão de políticas públicas. Entretanto Tironi (2017) destaca que é a partir da própria filosofia de Honneth que podemos compreender essa exclusão das crianças as esferas da direito como uma forma de desrespeito, capaz de impedir seu autorreconhecimento.

Em outras palavras, nós não estaríamos impedindo o reconhecimento de nossas crianças e adolescentes ao impedi-los de uma participação no processo de tomada de decisões? Fato é que a pessoa já está passando por processos de reconhecimento envolvendo todas as esferas em sua existência antes aos 18 anos completos. Mas há uma esfera específica ligada a infância, tão importante quanto fundamental para a formação das demais esferas supracitadas, pois é logicamente anterior a qualquer outra experiência de reconhecimento, capaz de prepara o ser humano para suas vivências intersubjetivas, a esfera do *amor*.

Honneth inicia seu empreendimento de construir a esfera do *amor* salientando que deve ser compreendida de modo neutro – ou seja, não há a intenção de resumir o amor as relações íntimas, ainda que estas também componham o quadro geral da esfera. Nas palavras do Honneth (2003), as relações amorosas compõem: “[...] todas as relações primárias, na medida em que elas consistem em ligações emotivas fortes entre poucas pessoas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais/filhos” (HONNETH 2003. P.159).

As relações de amor na infância são essenciais, pois as crianças dependem de uma dedicação específicas para a plena formação de sua autoconfiança. Estas relações primárias na esfera do amor dependem, segundo Honneth, de um “equilíbrio precário entre autonomia e ligação” (HONNETH, 2003. P. 160). Ou seja, cabe no decorrer dessas relações atingirem o nível esperado e superestimado para uma relação primária eficaz, capaz de preparar o indivíduo para sua vida futura. A própria guinada psicanalítica para a primeira infância – vista por Honneth como uma negação a ortodoxa posição freudiana – corrobora para demonstrar como o modelo ideal na relação afetiva, nas palavras de Honneth, formar “uma tensão para o autoabandono simbiótico e a autoafirmação individual” (HONNETH, 2003. P.160).

Esta guinada de pesquisa na psicanálise em direção a um novo olhar para primeira infância que aconteceu, segundo Honneth, em países como EUA e Inglaterra, traz diversas pesquisas e pesquisadores dispostos a reinterpretar a primeira infância para além de Freud, focados em dar um peso maior para os vínculos formados nesse momento da vida.

Jessica Benjamin, uma das pesquisadoras citadas por Honneth, em seu livro *Los Lazos de amor: Psicanálisis, feminismo y el problema de la dominación* (1996), começa o capítulo intitulado *El Primer vínculo*, afirmando justamente esta mudança de paradigma frente a interpretação psicanalítica da primeira infância:

Después de Freud, el psicoanálisis ha cambiado de foco, apuntando a fases cada vez más tempranas del desarrollo de la niñez y la infancia. Esta reorientación ha tenido muchas repercusiones: otorgó a la díada madre-hijo una importancia en el desarrollo psíquico que rivaliza con el triángulo edípico y, en consecuencia, ha estimulado una nueva construcción teórica del desarrollo individual (BENJAMIN, 1996. P. 23).

Para Jessica Benjamin o reconhecimento também faz parte da relação amorosa bem sucedida. Para a autora, a submissão e dominação resultam justamente da ruptura do reconhecimento entre partes. Segundo Honneth, Jessica Benjamin faz o primeiro empreendimento, pelos meios psicanalíticos, de relacionar o reconhecimento recíproco com a relação amorosa.

Ambos os autores – Honneth e Jessica Benjamin – utilizam em seus trabalhos as pesquisas do psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Então, para compreender de forma mais precisa como uma criança compreende a si e ao mundo, neste momento precisamos nos focar nos trabalhos empreendidos por Winnicott.

2.2.2 HONNETH, WINNICOTT E A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

Uma boa compreensão sobre o que pensa Donald W. Winnicott podemos contemplar em *Bebês e suas mães* (2020). Coleção que reúne uma série de escritos do psicanalista aos quais não foram publicados em livros quando o mesmo se encontrava em vida. Os textos selecionados se focam na relação maternal o qual se torna central para o entendimento da teoria do reconhecimento honnethiana.

Para o psicanalista Winnicott mãe e bebê se encontram, nos primeiros meses de vida do bebê, em estado de unidade psicológica. O bebê por um lado, necessita da dedicação total de sua mãe e a mãe não consegue pensar em mais nada que não a satisfação do seu bebê. E com o estabelecimento dessa relação bem sucedida, será possível, para o bebê, sentir sentimentos como as suas mães os fazem. Sobre essa identificação entre mãe e bebê, dirá Winnicott (2020):

Não há nada de místico nisso. A mãe tem um tipo de identificação com o bebê, um tipo muito sofisticado, que faz com que ela se sinta intensamente identificada com o bebê, embora, claro, não deixe de ser adulta. O bebê, por outro lado, se identifica com a mãe nos momentos tranquilos de contato, mas isso não é tanto uma conquista da criança, e sim do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, não existe nada além dele e, portanto, no início a mãe também é uma parte dele. Em outras palavras, eis o que muita gente chama de identificação primária. É o início de tudo e dá sentido a palavras muito simples, como ser (WINNICOTT, 2020, p.26).

O bebê nesse momento sente-se, com os cuidados da mãe, que detém onipotência. Para Winnicott (2020) essa relação precisa ser quebrada para o bom desenvolvimento cognitivo do bebê. Segundo Winnicott (2020): Com o passar do tempo, o bebê precisa que a mãe falhe ao se adaptar [...] Seria angustiante para a criança continuar se sentindo onipotente mesmo depois de desenvolver o aparato necessário para lidar com frustrações e eventuais falhas do ambiente (WINNICOTT, 2020, p. 22).

Para Honneth, em referência a psicanálise de Winnicott, a criança passa por fases que vão de reações ao desligamento materno a tomada de consciência de que aquilo que o atendia incansavelmente, é um sujeito com direitos próprios. Ou seja, para Honneth, a criança passa por um processo de reconhecimento de si e de sua mãe e com o passar do tempo a criança compreende sua dependência com a mãe e com as experiências de dedicação materna, amadurece sua confiabilidade intersubjetiva.

A própria amizade, para Honneth, é resultado do sentimento de “poder estar só”, da autoconfiança, desenvolvida pela criança através de sua mãe. Pela importância do afeto materno no desenvolvimento da autoconfiança, Honneth (2003) ressalta que:

É possível então partir da hipótese de que todas as relações amorosas são impelidas pela reminiscência inconsciente da vivência de fusão originária que marcou a mãe e o filho nos primeiros meses de vida; o estado interno do ser-um simbiótico forma o esquema da experiência de estar completamente satisfeito, de uma maneira tão incisiva que mantém aceso, às costas dos sujeitos e durante toda sua vida, o desejo de estar fundido com uma outra pessoa (HONNETH, 2003, p.174).

Entretanto, assim como o bebê precisou reconhecer seu limite quanto a existência de sua mãe, para Honneth (2003) nós também precisamos nos desiludir com nossas experiências relacionais para que assim prospere o sentimento do amor, capaz de compreender o outro como uma pessoa independente (Honneth, 2003, p.174-175). Nenhuma relação de amor verdadeiro compõe a existência de onipotência de uma parte sobre a outra. Apenas com a postura de reconhecimento se atinge o amor.

2.2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLAÇÃO

Como já foi dito anteriormente, cada uma das esferas do reconhecimento coincide com uma forma de desrespeito. A forma de reconhecimento proporcionado pelo amor e pela amizade, que para Honneth forma a integridade física pessoal, encara o desrespeito nas experiências de Maus-tratos e violação. Um ser que vive tal experiência, para o pensador, tem suas expectativas relacionais de integridade física não atendida.

Para Honneth (2003), sobre a experiência de ter o reconhecimento negado, ao vivenciar os maus-tratos e violação, representam “[...] a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal [...] um tipo de desrespeito que fere duramente a confiança, aprendida através do amor, na capacidade de coordenação autônoma do próprio corpo (HONNETH, 2003, p. 215). Notamos que as consequências são direcionadas ao mundo e ao funcionamento pessoal do indivíduo que a sofre, ou seja, nas palavras de Honneth (2003), “daí a consequência ser também [...] uma perda de confiança em si e no mundo” (HONNETH, 2003, p. 215).

Aquilo que constitui a luta por reconhecimento em Honneth é a possibilidade das experiências de desrespeito – advindas das três esferas – poderem gerar efetivamente lutas sociais, entretanto isso decai apenas a possibilidade e não ao

“necessário”, pois isso dependerá de uma série de fatores envolvendo a realidade na qual aquele indivíduo vivenciou a sua experiência de expectativas não atendidas.

Honneth (2003) ainda ressalta que as outras formas de desrespeito – do direito e da solidariedade – estão inseridos em processos de mudanças históricas ao passo de que o desrespeito condizente com o amor está sempre acompanhado por uma ruptura dramática com o mundo social e com isso uma ruptura também da autossegurança pessoal. Em outras palavras as demais experiências de desrespeito referentes ao direito e a solidariedade tem uma ligação direta com a história e local no qual o indivíduo está inserido, já nas experiências de violação e maus-tratos sempre será um abalo interior e exterior aos laços de reconhecimento.

Honneth não menciona os efeitos de uma violação no período específico da infância, entretanto podemos encontrar indícios desse assunto em Winnicott (2020) no qual, ao abordar sobre a dedicação materna necessária nos primeiros momentos de vida da criança, comenta que os colapsos que ocorrem nesse período podem gerar problemas mentais graves, pois estamos frente aos alicerces da saúde mental de um indivíduo. Ainda que Winnicott esteja falando de um período mais específico dentro da infância, qualquer situação de abuso ou maus-tratos físicos possuem aquele potencial destrutivo da segurança de si e do mundo, ainda mais quando o indivíduo está vivenciando suas relações primárias, como no caso das crianças.

2.3 O PRIMADO DO RECONHECIMENTO FRENTE A POSTURA REIFICADA

Neste capítulo analisaremos o livro *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento* (texto publicado pela primeira vez em 2006). No primeiro subcapítulo intitulado *As origens da Reificação* (2.3.1) as análises vão em direção da ideia apresentada primeiramente por Lukács de quais seriam as origens das posturas reificantes nas sociedades capitalistas; no segundo subcapítulo intitulado *Primeiro reconhecemos* (2.3.2) analisaremos novamente a fundamentação de Honneth que seres humanos são primeiramente ligadas ao reconhecimento do outro no período referente a infância; e após devidos esclarecimentos podemos enfim, no terceiro subcapítulo intitulado *A reificação honnethiana* (2.3.3) conhecer a concepção proposta por Honneth para reificação, além de relacioná-la com a infância.

2.3.1 AS ORIGENS DA REIFICAÇÃO

Já em *Reificação* (2018) temos no centro das análises as posturas reificadas. O termo é trazido da tradição marxista, mais especificamente do texto *História e Consciência de Classe* (de 1923) de Gyorgy Lukács. Uma breve explicação de o que o pensador entende por reificação é dada no subcapítulo intitulado *O fenômeno da reificação* na qual Lukács (2003) explica que:

Ela se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma “objetividade fantasmagórica” que, em sua legalidade própria, rigorosa, aparentemente racional e inteiramente fechada, oculta todo traço de sua essência fundamental: a relação entre os homens (LUKÁCS, 2003, p.194).

Então temos aos olhos uma explicação de por que indivíduos passam a viver suas vidas de forma apática com outrem sendo capaz apenas de conceber o mundo, como, nas palavras de Honneth (2018), um mero observador neutro que age com *indiferença* e permanece apenas na postura de *contemplação*.

Honneth, em referência ao pensamento de Lukács, dirá que o pensador encara as posturas reificadas como uma *segunda natureza* nas sociedades capitalistas, visto que estes são forçados pela rotina a conceber relações humanas como relação entre coisas ocultando aquilo que é primeiro, anterior. Essa postura anterior é classificada por Lukács, segundo Honneth, como sujeito presente, participativo e cooperativo. Sobre tais posturas Melo (2010) ressalta que:

Com a distinção lukacsiana entre aquele que adota uma postura de observador e aquele que toma uma atitude de participante, Honneth pretende reatualizar o conceito de reificação de modo que a distorção de uma práxis originária seja entendida a partir de uma relação participativa do sujeito consigo mesmo ou com seu mundo circundante (MELO, 2010, p. 239).

Honneth acaba não concordando com a hipótese de Lukács, pois compreende que o pensador se limitou a analisar o fenômeno da reificação unilateralmente (assunto explorado no capítulo 2.3.3).

Para fundamentar o ponto de Honneth, se torna necessário um embasamento teórico de que a postura do reconhecimento é anterior a qualquer tipo de apreensão apática do mundo. Lembrando que com o que já vimos aqui no subcapítulo *Honneth, Winnicott e a Relação Mãe-Bebê* já poderíamos levantar o ponto de que na teoria do reconhecimento, antes de qualquer postura reificada, nós nos reconhecemos em uma relação interpessoal. Entretanto, para os fins de análise de uma compreensão de criança na teoria honnethiana do reconhecimento, analisaremos novamente a fundamentação do pensador.

2.3.2 PRIMEIRO RECONHECEMOS

No terceiro capítulo de *Reificação*, intitulado *O primado do reconhecimento*, Honneth busca justamente tornar claro o seu ponto de que: o reconhecimento é anterior a apreensão neutra do real. Dentro do mesmo, o pensador já está dando indícios de como pretende encarar a noção de Reificação dentro de sua teoria, por exemplo, quando Honneth (2018) diz que:

[...] quero defender novamente a tese segundo a qual a especificidade do comportamento humano reside na atitude comunicativa que acompanha a adoção da perspectiva do outro; em oposição a isso, eu gostaria de afirmar que essa capacidade de assumir racionalmente a perspectiva do outro está enraizada em uma interação prévia, que carrega os traços da preocupação existencial (HONNETH, 2018, p. 61).

Então cabe deixar claro que para o pensador a postura do reconhecimento é parte fundamental da formação do ser humano. Honneth se volta aos estudos da psicologia do desenvolvimento para afirmar que grandes pensadores, como Mead, ignoraram o lado emocional na formação da socialização humana. É como se, analisando a filosofia de Mead, nas palavras de Honneth (2018) “o investimento afetivo raramente desempenhasse algum papel significativo para a criança” (HONNETH, 2018, p. 63-64).

Para Honneth é a interação emocional do bebê com seu adulto referência que desenvolve a capacidade de assumir a perspectiva do outro, que torna a criança capaz de, enfim, perceber seu mundo circundante. Quebrando com a primeira postura egocêntrica que aos poucos, nas palavras de Honneth (2018) “realiza um descentramento gradual de sua própria perspectiva” (HONNETH, 2018, p. 62). E com isso a criança aprende a se relacionar com o mundo. Honneth comenta ainda sobre a “revolução dos nove meses” que seria uma idade na qual a criança já teria desenvolvido a percepção de que seu adulto referência também tem intencionalidade com o seu mundo.

A criança, para Honneth, precisa primeiro ter se identificado emocionalmente com sua pessoa referência para apenas então compreender suas posturas como corretivas. E apenas com tal identificação será possível, em casos normais⁴, o desenvolvimento de um pensamento simbólico. Sobre tal identificação emotiva Honneth (2018) afirma que:

“O ato de se colocar na perspectiva da segunda pessoa requer uma forma de reconhecimento que não é passível de ser plenamente apreendida em conceitos meramente cognitivos ou epistemológicos porque contém sempre um momento de abertura, entrega e amor voluntários” (HONNETH, 2018, p.67).

Sobre tal vínculo necessário Honneth empregará o termo ontogenético, pois a partir de tal vinculação as criança, nas palavras de Honneth (2018) “passa a ter uma ideia da plenitude de significados existenciais que os dados de uma situação podem possuir para os seres humanos” (HONNETH, 2018, p. 68). Em outras palavras, a criança, ao estabelecer o vínculo com seu adulto, consegue compreender como os dados do mundo trazem sentimentos ao seu adulto. Dessa forma, para Honneth, se abre um mundo no qual a criança precisa se engajar de maneira prática.

Dessa forma se torna claro o ponto do pensador de que a postura ao reconhecimento é anterior a apreensão neutra, ou nas palavras do próprio Honneth (2018):

⁴ Existem passagens neste capítulo nos quais Honneth se atém a estudos de crianças autistas nas quais existem barreiras para que tal identificação entre a criança e suas pessoas primárias de referência ocorra plenamente. Para saber mais: HONNETH, Axel. Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento. Editora Unesp, 2018. p.64-66.

“[...] o reconhecimento tem de preceder o conhecimento; pois, se tal investigação estiver correta, tratar-se-ia de um processo de formação individual em que a criança, pela primeira vez, passa a se identificar com sua pessoa de referência e, além disso, já precisa tê-la reconhecido emocionalmente antes que possa, a partir dessa outra perspectiva, chegar a conhecer o mundo de forma objetiva” (HONNETH, 2018, p.69).

2.3.3 A REIFICAÇÃO HONNETHIANA

Lukács compreende diferentes tipos de reificação (interno, intersubjetivo e objetivo), no entanto, para Honneth, apenas aponta para uma causa comum: a universalização do valor de troca capitalista. Para Honneth, é criticável a postura do pensador marxista de não reconhecer que na realidade circundante de seu tempo já haviam outras formas de reificação direcionada ao tráfico de seres humanos e no racismo. Em consonância a essa crítica, Honneth (2018) afirmará: “Sua atenção estava voltada de modo tão unilateral aos efeitos da circulação capitalista de mercadorias sobre o comportamento humano que não pôde reconhecer outra fonte social de reificação” (HONNETH, 2018, p.120).

O ponto que Honneth levanta é o de que a ligação entre reificação e circulação de mercadorias no capitalismo foi tão forte em Lukács que o mesmo não conseguiria observar outras fontes de posturas reificadas na sociedade. A partir de tal análise já podemos compreender o ponto do qual Honneth está prestes a defender: não há vínculos necessários entre diferentes tipos de reificação.

Dessa forma Reificação se torna, na teoria do reconhecimento, o esquecimento do reconhecer prévio. Mas quais as suas causas para Honneth? Na relação interpessoal temos duas origens para a reificação: primeiro, quando há uma práxis social na qual a observação do outro se torna um fim em si mesmo; segundo, quando há uma visão de mundo – ideológica – na qual o indivíduo, por adotá-la, é obrigado a negar o reconhecimento prévio.

Há, ainda, para Honneth, indícios de um processo de auto reificação, ou seja, de que o indivíduo reifique a sua relação de reconhecimento com seus próprios sentimentos. Fruto de situações no qual o indivíduo é coagido, por alguma necessidade ou vontade, a sua autoapresentação.

Cabe ressaltar também que, quando Honneth (2018) afirma que:

“O espectro dos desenvolvimentos sociais, em que se refletem tais tendências de uma reificação dos homens, abarca desde o desgaste crescente da substância jurídica do contrato trabalhista até os primeiros sinais de uma prática que consiste em medir e manipular geneticamente os talentos das crianças” (HONNETH, 2018, p.123).

O pensador deixa claro que com o aumento de reificação social leva também ao aumento do perigo de suprimir as relações jurídicas asseguradas anteriormente. Outro ponto interessante para nossa análise é de que, segundo Honneth, as posturas reificadas, produzidas socialmente, também podem ser direcionadas as crianças. Uma vez que o aumento desses fenômenos no mundo social abarca em aumento de relações reificadas, sendo que as crianças também podem ser alvos de tais ações.

3 ANÁLISE COMPARATIVA

Ao comparar os dois textos – a saber *Luta por reconhecimento* (publicado originalmente em 1992) e *Reificação* (com a primeira publicação em 2006) –, deixando claro que os escritos são feitos com um intervalo de 14 anos em suas publicações originais, podemos salientar alguns pontos sobre a relação infância e reconhecimento. Cabe ressaltar, como afirma Camargo e Souza (2014), que no texto *Reificação* se perde a dimensão sociológica presente em *A luta por Reconhecimento* em prol de uma visão antropológica do reconhecer, pois no segundo texto reconhecimento deixa de ser visto como horizonte normativo e toma forma de práxis genuína. Então ainda que os escritos tenham objetivos diferentes o reconhecimento ainda é central nas argumentações do pensador.

Em um primeiro momento, podemos dizer que os textos são complementares – em diversos momentos em *Reificação* há a referência a seu outro escrito de 1992. A análise aqui empreendida compõe os seguintes pontos: i) a mudança de postura do Honneth com o parceiro de relação da criança; ii) a necessária ruptura da visão egocêntrica da criança; iii) a força que a esfera do amor tem sobre a teoria honnethiana; e iv) relação infância e vínculos primários.

O primeiro ponto, em que podemos concluir como sendo mudanças no mundo social dos anos 90 para 2000 – que acarretaria em mudanças na postura do pensador –, é com relação ao adulto referência que é apresentado como mãe-bebê em 1992, base da interação humana e gênese do reconhecimento, e que em seu estudo de 2006 passa a ser mencionado como relação pessoa de referência e bebê – Honneth não utiliza nenhuma vez a palavra mãe no capítulo referente a esse tema no texto de 2006.

Ainda que já pudéssemos concluir no estudo de 1992 que não necessariamente precisaria de uma relação mãe-bebê para desenvolver o reconhecimento necessário para a criança, e sim qualquer outro adulto dedicado para tal função, o simples fato de Honneth cuidar para substituir a palavra para pessoa referência pode ser compreendido como avanços na esfera da solidariedade na realidade social, a partir da própria teoria honnethiana.

O descentramento de uma perspectiva única para a tomada de noção da perspectiva do outro é o segundo ponto de destaque no qual os dois textos são complementares. Em ambos os escritos há relatos dessa necessidade para o

desenvolvimento da criança. A título de exemplos: no escrito de 1992, quando Honneth (2003) diz que: “[...] só a quebra da simbiose faz surgir aquela balança produtiva entre delimitação e deslimitação [...]” (HONNETH, 2003, p.175); e no escrito de 2006, quando Honneth (2018) “a criança aprende a se relacionar com o mundo objetivo de objetos constantes na medida em que, da perspectiva de uma segunda pessoa, ela realiza um descentramento gradual de sua própria perspectiva, de início egocêntrica” (HONNETH, 2018, p. 62).

O terceiro ponto que chama a atenção nos escritos, e nesse quesito podemos dizer que são também complementares, é de como o papel do amor é fundamental para o desenvolvimento das capacidades humanas. Dessa forma a teoria do reconhecimento deve ser vista como uma teoria que leva em consideração algo que poucas outras teorias de socialização o fizeram: de que seres humanos dependem de vínculos emocionais intersubjetivos. Spinelli (2016) afirma que, com a existência desses laços de reconhecimento, a convivência humana não pode ser reduzida a aglomerado de indivíduos.

Isto pode ser encontrado na justificativa dada por Honneth (2006) na qual antes de qualquer conhecimento por parte do indivíduo houve um processo de reconhecimento relacional, decorrente de uma dedicação emocional direcionada a criança que aos poucos foi tornando-a capaz de reconhecer seu parceiro de interação como outro indivíduo com direitos.

Por fim o quarto ponto: A infância, dentro da teoria do reconhecimento, é uma fase única na vida dos indivíduos, pois é neste momento em que a criança está desenvolvendo seu vínculo primário. Este vínculo será ecoado em toda a vida dos seres humanos e atualizado com cada relação amorosa dialética entre dependência e autonomia (SPINELLI, 2016, p. 89).

Dessa forma o exemplo de dedicação e cuidado empreendido por um adulto em relação a criança é fundamental tanto para a constituição das habilidades pessoais daquele indivíduo quanto para a própria sobrevivência da criança. Não é pensável como uma criança poderia sobreviver sem a dedicação e cuidados mínimos de um adulto.

3.1 IMPLICAÇÕES DO RECONHECIMENTO NA INFÂNCIA

A ideia honnethiana de reconhecimento intersubjetivo e a importância da dedicação afetiva com a criança traz implicações interessantes, podemos induzir dois centros de análise para discussão: (i) a contraposição da teoria empirista sobre aprendizagem da criança frente ao reconhecimento na infância proposto por Honneth; e (ii) a implicação de responsabilidade de pais, comunidade e estado de promover o ambiente suficientemente estimulante para o bom desenvolvimento da autoconfiança, do auto respeito e da auto estima das crianças.

3.1.1 CONTRAPONTO PARA A FILOSOFIA EMPIRISTA

A partir da leitura de Tironi (2017) sobre infância e reconhecimento podemos compreender a análise honnethiana sobre o assunto – que vai da quebra de onipotência do bebê ao aparecimento da atividade simbólica mediante o reconhecimento prévio dos seus pais, apoiado na psicanálise de Winnicott – em desencontro com a filosofia da tradição empirista de aprendizagem.

Para a teoria empirista, segundo Damiani e Neves (2006) temos a visão da aprendizagem por meio da relação sujeito e objeto na qual a criança é vista como um gabinete em branco¹ de modo que é preciso preenche-la de ideias. A própria ideia de uma pré-disposição para o reconhecimento já vai em desencontro com as ideias empiristas de negação qualquer conhecimento/impressão inato para a cooperação².

A teoria empirista também vai na contramão da teoria do reconhecimento de Honneth quando não compreende a relação primária de afeto das crianças com seus adultos referencias como pré-requisito ao pensamento simbólico. Seguindo o que vimos até aqui dentro da filosofia honnethiana os adultos referencias das crianças não podem ser vistos como meros objetos do qual a criança tira

¹ A ideia é empreendida pela primeira vez por John Locke na qual a criança vem ao mundo como um quadro em branco que precisa ser preenchido. Para saber mais sobre o processo de conhecimento, ler: JOHN, Locke. Ensaio sobre o entendimento Humano. São Paulo: Martins Editora, 2012.

² As discussões promovidas por Honneth e Butler trazem à tona esse aspecto inato da filosofia honnethiana. Para conhecer mais sobre esse debate no qual Honneth tem como parceira e crítica Judith Butler ler: PACHECO, Mariana Fischer. A reconhecibilidade precede o reconhecimento? Acerca das críticas de Judith Butler a Axel Honneth. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 47, p. 203-221, 2018.

conhecimento, na realidade, com o que apreendemos até aqui na teoria do reconhecimento, é necessário um vínculo no sentido de reconhecer o parceiro, no qual há uma ligação emocional entre ambos irreduzível ao padrão sujeito e objeto.

3.1.2 REPENSANDO A RESPONSABILIDADE PARA COM AS CRIANÇAS

Em um outro campo de análise, cabe dizer que, para o bom desenvolvimento da criança mediante a dedicação emotiva, podemos concluir a necessidade de convivência em um bom ambiente familiar – que confere para Honneth a base dos processos do reconhecimento. Tal compreensão vai de encontro com Cruz e Lima (2012) na qual este ambiente familiar, com a responsabilidade dos pais para com os seus filhos, precisa atender a expectativas como promover um ambiente estimulante, com apoio socio-emocional, supervisão, estrutura e integração social. Se é evidente que há a responsabilidade dos pais no período referente a infância e adolescência, então podemos induzir que é responsabilidade dos mesmos promover os meios para o desenvolvimento da autoconfiança do indivíduo.

Entretanto, segundo o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990), não é apenas a família que é responsável pelas crianças, mas também a comunidade e o estado. Em uma realidade em que muitas famílias brasileiras convivem diariamente com a insegurança alimentar³ em decorrência também de fatores externos como o desemprego: a falta de condições para um ambiente propício ao pleno desenvolvimento da infância não pode ser vista apenas como uma responsabilidade parental, podemos considerar ainda o estado diretamente como responsável pela falta de assistências e garantias para com as crianças.

Nesse sentido em que o estudo de Tironi (2017) tenta compreender a lógica da exclusão das crianças das esferas sociais e políticas, acarretando muitas vezes em sua exclusão também em políticas públicas, como uma forma de desrespeito para com as mesmas. Se há desrespeito para com qualquer indivíduo é possível concluir, a partir de Spinelli (2016), de que para Honneth a identidade segura estaria ameaçada, pois a existência de reconhecimento afetaria também a autorrelação do indivíduo.

³ Para saber mais, consultar IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa de orçamentos familiares: 2017-2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020;

A ideia de Tironi (2017) na qual participação política está para além da manutenção eleitoral, mas na criação ou manutenção de valores sociais e políticos, compreende um horizonte de participação estimada com as crianças – complementar a teoria do reconhecimento.

Enquanto não mudamos nossa postura para com as crianças em direção a inclui-las nos processos políticos e sociais, nas palavras de Tironi (2017) “Constituiu-se, com isso, uma rígida hierarquia entre idades, na qual o adulto figura no topo de uma pirâmide hierárquica marcada por uma nítida relação de dominação e controle entre as categorias etárias” (TIRONI, 2017, p. 2152). Essa crítica pode também ser direcionada as escolas, nas quais as estruturas hierárquicas etárias também podem ser observadas.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa aqui desenvolvida tem sua importância pois as crianças constituem o novo tecido social que está em formação e compreender a sua constituição interpessoal e relacional nos abre caminhos para também promover uma sociedade dedicada a estabelecer esses vínculos primários fortes para um pleno desenvolvimento das esferas do reconhecimento.

A partir do trabalho empreendido até aqui podemos compreender que os objetivos de definição de reconhecimento, infância e especialmente, como esses dois termos estão relacionados, foram alcançados. O reconhecimento é compreendido por Honneth, por vezes ligado a um indicador sociológico das gramáticas sociais e por vezes a uma visão antropológica de ser humano; e a infância na teoria honnethiana como aquele momento no qual há um processo genuíno de reconhecimento, da criança para com os seus adultos referência, como momento único na qual há a gênese de relação amorosa – que ecoará pela vida desse ser novo em todas as suas relações dessa mesma esfera – na qual seu bom progresso é capaz de desenvolver a autoconfiança necessária para uma autorrelação prática.

Entretanto, como vimos nas discussões do trabalho, estas definições trazem embates nos campos da psicologia do desenvolvimento e das condições de responsabilidade para com as crianças. No primeiro caso, temos o choque da teoria empirista para com a teoria do reconhecimento, na qual a teoria do reconhecimento dá enfoque para a relação emocional que não pode ser reduzida a uma relação de sujeito e objeto – como na filosofia empirista. Já no segundo caso, na questão do ambiente seguro para o pleno desenvolvimento da criança, vimos que estado também pode ser responsabilizado pelo pleno desenvolvimento das crianças uma vez que as famílias são afetadas por questões exteriores a suas dinâmicas.

Não obstante, é possível ainda traçar novos caminhos a serem percorridos em pesquisas futuras como: confrontar a filosofia de Honneth com demais psicologias do desenvolvimento como a teoria de Piaget, amplamente difundida, e compreender como a filosofia do reconhecimento se torna um contraponto a tal posição; buscar compreender como a filosofia de Axel Honneth poderia ter influência

também em estudos sobre filosofia da educação e quais teorias nesse campo estariam em acordo e desacordo com o pensamento do frankfurtiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art1>. Acesso em: 03 mai. 2021.

CAMARGO, Sílvio; DE SOUZA, Luiz Gustavo da Cunha. Axel Honneth leitor de Lukács: reificação e reconhecimento. **Pensamento Plural**, n. 11, p. 165-186, 2014.

CRUZ, Orlanda; LIMA, Isabel Abreu. Qualidade do ambiente familiar preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. **AMazônica**, v. 8, n. 1, p. 244-263, 2012.

DAMIANI, Magda Floriana; NEVES, Rita de Araujo. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. 2006.

FONTES, Paulo Vitorino. A Escola de Frankfurt e os fundamentos da teoria crítica alemã. **International Journal of Philosophy and Social Values**, v. 2, n. 2, p. 113-126, 2019.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; Meneses, Paulo; De Lima Vaz, Henrique Cláudio. **Fenomenologia Do Espírito**. Editora Vozes, 1992.

_____. **Princípios Da Filosofia Do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Sobre as maneiras científicas de tratar o direito natural**. Edições Loyola, 2007.

HONNETH, Axel. **Luta Por Reconhecimento: A Gramática Moral Dos Conflitos Sociais**. Ed34, 2003.

_____. **Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento**. Editora Unesp, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de orçamentos familiares : 2017-2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

GOULART, Leonardo. Amor e reconhecimento em Axel Honneth. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, v. 15, n. 30, 2012.

JOHN, Locke. **Ensaio sobre o entendimento Humano**. São Paulo: Martins Editora, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MELO, Rúrion. Reificação e reconhecimento: um estudo a partir da teoria crítica da sociedade de Axel Honneth. **ethic@-An international Journal for Moral Philosophy**, v. 9, n. 2, p. 231-245, 2010.

MOGENDORFF, Janine Regina. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012.

NOBRE, Marcos. **Curso livre de teoria crítica**. Papyrus Editora, 2008.

. “Luta por reconhecimento: Axel Honneth e a Teoria Crítica”. In: Honneth, Axel. **Luta por reconhecimento: a Gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003, p. 07-19.

PACHECO, Mariana Fischer. A reconhecibilidade precede o reconhecimento? Acerca das críticas de Judith Butler a Axel Honneth. **Revista Dissertatio de Filosofia**, v. 47, p. 203-221, 2018.

PERTILLE, José Pinheiro. A lógica do reconhecimento e o reconhecimento da lógica: de Honneth a Hegel. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**. Recife, PE. Vol. 14, n. 23 (2017), p. 101-116, 2017.

RAVAGNANI, Herbert Barucci. Intersubjetividade e reconhecimento: Honneth leitor do jovem Hegel. **Revista Simbio-Logias**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008.

SOBOTTKA, Emil Albert; SAAVEDRA, Giovani Agostini. Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 8, n. 1, p. 9-18, 2008.

SPINELLI, Letícia Machado. Amor, direito e estima social: Intersubjetividade e emancipação em Axel Honneth. **Latitude**, v. 10, n. 1, 2016.

TAYLOR, Charles. **Hegel E A Sociedade Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TIRONI, Sara. Criança, participação política e reconhecimento. **Revista Direito e Práxis**, v. 8, n. 3, p. 2146-2172, 2017.

WINNICOTT, Donald Wood; SAFRA, Gilberto. **Bebês e suas mães**. Ubu Editora, 2020.